



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida [AT]

“MAS MUITA GENTE JÁ NEM CONTA ESTA HISTÓRIA”: A RECONFIGURAÇÃO DAS CULTURAS OPERÁRIAS NA COVILHÃ

MINEIRO, João

Mestrando em Sociologia

ISCTE-IUL

joao.mineiro.6@mail.com

Resumo

O crescimento da indústria de lanifícios e a formação da classe operária desde finais do século XIX na Covilhã constituíram dois processos que marcaram de forma determinante a história do concelho. Ambos significaram transformações profundas nas relações económicas e sociais, na organização de trabalho e na formação de novas formas de estratificação social. Mas eles fizeram emergir também outros processos relevantes a que genericamente poderíamos chamar cultura operária. O mundo em que vivemos hoje é um mundo em transformação acelerada. Num tempo marcado pela desindustrialização, pela globalização económica, pela terciarização da economia, pelo alastramento do desemprego, pelas transformações no trabalho, pela individualização das relações laborais e dos modos de vida, por uma redefinição das identidade coletivas ou, como defende Castel (1998), por processos de desfiliação social decorrentes das mutações no trabalho, o que restam afinal das culturas operárias? É este o quadro geral desta pesquisa. A partir de uma pesquisa de terreno desenvolvida entre Novembro de 2012 e Junho de 2013 nos bairros de Santo António, Pinhos Mansos e nas antigas zonas operárias do Oriental de S. Martinhos e Campos Melo na Covilhã, proponho uma análise das narrativas de vida de antigos operários da cidade e de novos habitantes, mais jovens e que hoje já não trabalham na indústria, procurando responder à seguinte questão: tendo em conta a desindustrialização e as transformações no trabalho, culturas operárias tendem a ser abandonadas, reproduzidas ou reconfiguradas?

Abstract

The growth of the wool textile industry and the formation of a working class since the end of the 19th century in Covilhã, built two processes that marked and shaped the history of the county. Both represented deep transformations in both social and economic relations, in the organization of work and in the formation of new procedures of social stratification. But they also revealed and emerged other relevant processes of what we could generically call as working class culture. The world we live in today is a world in rapid transformation. In an age that is marked by deindustrialization, economic globalization, the tertiarization of the economy, the spread of unemployment, the transformations of labour, the individualization of labour relations and ways of live, by a redefinition of the collective identities, or, as defended by Castel (1998), by processes of social disaffiliation that derive from the mutations of work. What is left of the working class culture? Based on a field research conducted between November 2012 and June 2013, in the neighbourhoods of Santo António, Pinhos Mansos and in the old working class neighbourhoods of Oriental de S. Martinhos and Campos Melo in Covilhã, we propose an analysis of the life narratives of former labourers of the city and new and younger inhabitants, that do not work in the industry, with the objective of addressing the following question: even with the process of deindustrialization and the transformations of work, do the working class cultures tend to be abandoned, reproduced or reconfigured?

Palavras-chave: Desindustrialização, cultura operária, trabalho, modos de vida

Keywords: deindustrialization, working class culture, labour, way of life

COM0176

1. Pontos de partida de uma discussão por começar

O crescimento da indústria de lanifícios e a formação da classe operária desde finais do século XIX na Covilhã constituíram dois processos que marcaram de forma absolutamente determinante a história do concelho. Ambos significaram transformações profundas nas relações económicas e sociais, na organização de trabalho e na formação de novas formas de sociabilidade e estratificação social.

Assim, se a industrialização foi um processo que marcou o *tempo da vida*, e se constituiu como um fenómeno que abalou muitas das antigas convenções associadas à centralidade de outras formas de trabalho não-assalariado, ele fez emergir também outros processos relevantes para a discussão sociológica como o aparecimento de organizações operárias de tipo sindical ou mutualista, o desenvolvimento de novas formas e redes de sociabilidades, modos de vida, solidariedades, dinâmicas coletivas, rituais, rotinas, espaços e práticas culturais e artísticas a que poderíamos chamar de *cultura operária*.

Os aspetos particulares da vivência cultural dos operários desenvolveram-se, historicamente, em torno do processo de industrialização. Contudo, num tempo marcado pela desindustrialização, pela globalização económica, pela terciarização da economia, pelas transformações no trabalho, pela individualização e pelo alastramento do desemprego, poderíamos legitimamente perguntar: o que sobra afinal das culturas operárias nesta transição do século?

É neste quadro geral que procuro operacionalizar esta pesquisa: com o processo de desindustrialização que a Covilhã começou a viver desde os anos 80, os antigos bairros operários, locais privilegiados de vivência cultural e de sociabilidade, passaram a ser habitados por grupos sociais, profissionais e etários muito mais diversificados. Tendo em conta estes processos será que a cultura operária tende, nestes tempos, a ser reproduzida, reconfigurada ou abandonada?

2. Em torno da industrialização e da cultura operária: o caso da Covilhã

Se a revolução industrial ficou marcada, segundo o historiador Eric Hobsbawn (1962), por colossais transformações na agricultura, por enormes inovações técnicas, por profundas transformações demográficas e pela constituição das sociedades urbanas, ela também ficou marcada, por outro lado, pela emergência de um novo tipo de estratificação social, polarizada, diria Marx (1848), em torno da burguesia e do proletariado, e, diria Weber (2004), em torno de uma articulação de diversas formas de poder que configuram três tipos de estratificação: as *classes*, os *grupos de status*, e os *partidos políticos*.

O processo de industrialização foi acompanhado pela emergência da *cultura operária* enquanto aspeto caracterizador da vivência cultural do operariado, como classe e grupo social particularmente relevante na composição das *classes subalternas* como Gramsci (2002) as definiu.

No caso da Covilhã, a industrialização foi um processo que começou na segunda metade do século XIX. O desenvolvimento de uma economia centrada na indústria têxtil alterou todas as esferas da vida individual e coletiva, chegando inclusive a cidade a ser conhecida como a Manchester portuguesa. António Rodrigues Assunção, na sua *História do Movimento Operário na Covilhã* defende como aspetos da cultura operária local na primeira metade do século XX a imprensa operária, o ambiente de festa e luta do 1º de Maio, a relação com a escola e a instrução, a “cultura de ofício”, as relações de identidade entre o “nós” e o “eles”, o quotidiano marcado pela rotina e pelo risco e a relação com a doença e as tabernas. A esta sistematização podíamos, para a segunda metade do século, acrescentar como aspetos ilustrativos da cultura operária da Covilhã a edificação popular dos bairros, as experiências de auto-organização e autogestão operária, a criação e dinamização das associações de trabalhadores, os aspetos culturais e artísticos, as formas e modalidades de transmissão de informação política, os aspetos particulares das lutas políticas e sindicais, os espaços de encontro e lazer e, naturalmente, as redes de solidariedade e mutualismo profundamente ligadas a uma ideia partilhada de comunidade (Mineiro, 2013).

3. Desindustrialização e transformações no trabalho

Segundo dados recolhidos na Associação Nacional de Industriais de Lanifícios (ANIL), entre 1974 e 1993 encerraram na Covilhã 111 empresas da indústria de lanifícios. Só nos anos 80 encerraram 38 empresas e nos três primeiros anos dos anos 90 abriram insolvência 14 empresas. Segundo uma declaração da ANIL produzida dia 17 de Janeiro de 2001:

Apesar de a Industria de Lanifícios ter sido objecto de reestruturação e dos sucessivos programas de apoio à Economia (...) uma boa parte das empresas, tendem para um agravamento das suas dificuldades actuais principalmente devido às seguintes razões:

- *Mais de 95 % das empresas localizam-se na chamada corda da Serra da Estrela (...)*
- *Estas regiões sendo do interior, pagam custos inerentes da falta de técnicos, mão de obra especializada, vias de comunicação, energia mais cara (...) o que resulta em produtividade muito inferior às médias dos nossos concorrentes europeus.*
- *Insuficiência de imagem tanto no exterior, como principalmente no próprio país (...)*
- *Existência de problemas ambientais graves, condicionando o desenvolvimento de algumas empresas (...)*

De facto, a visão dos empresários relaciona a desindustrialização com fatores de ordem geográfico-regional, técnico-organizacionais, mercado interno, questões ambientais e concorrência internacional. Muitos destes serão certamente fatores explicativos para uma absoluta mudança de paradigma de uma cidade-industrial, para uma cidade de atividades do sector terciário, de ligação à universidade e a novas formas de trabalho assalariado. Mas os antigos operários têm mais razões para esta decadência:

(...) os pais, os mais velhos, eles é que geriam as fábricas. Depois quando os filhos começaram a crescer, os pais meteram lá os filhos (...) depois os pais morreram, ficaram os filhos a gerir, casaram-se, foram as noras, depois os genros, não se modernizaram (...) eles começaram a gastar mais que aquilo que ganhavam e não deu mais (Beatriz, 82 anos, Santo António)

Há tanta gente a fabricá-la [a roupa], compram-na mais barata. (...) eles compram muito e vendem com pouca qualidade. A maioria das coisas vem de longe e tem pouca qualidade. (Pimpão, 74 anos, Pinhos Mansos)

Além das razões dos industriais, acrescentam os operários que a concorrência, a incapacidade de modernização e os problemas familiares dos empresários foram também fatores do declínio da atividade industrial.

O processo de desindustrialização foi acompanhado de transformações profundas na organização de trabalho e na produção. Como argumenta Castel (1998), a individualização, a desintegração e a fragmentação da força de trabalho, baseada pela flexibilização da produção, conduz a processos de desfiliação social que significam também uma destruição dos laços e dos vínculos sociais que constituem a forma moderna de regulação social (Castel, 1998). Como argumentei com outros dois investigadores recentemente:

estas mudanças [transformações na organização do trabalho à escala internacional com a proliferação de formas de trabalho precário] têm também consequências significativas nas trajectórias associadas ao mundo do trabalho (descontinuidade, intermitência, transitoriedade, informalização), na relação com o trabalho (degradação do trabalho, sofrimentos, aumento dos controlos, desqualificação) e nas identidades sociais e colectivas dos trabalhadores (descolectivização, fragmentação, atomização) (Soeiro, Sá Ferreira e Mineiro, 2012, pp. 79).

Para a análise que aqui nos propomos realizar, procurámos seleccionar um conjunto de entrevistas que representassem a geração dos antigos operários, quando a Covilhã era uma cidade industrial; e uma outra geração de população mais jovem que já não trabalha na indústria e que vive numa cidade desindustrializada. Do bairro de Santo António entrevistei Francisco, de 68 anos, operário a vida toda; Duarte de 71 anos, um dos primeiros diretores da coletividade local; Rafael, de 62 anos, atual presidente da associação local;

Manecas e Beatriz, respetivamente de 78 e 82 anos, dois dos operários mais ativos politicamente no bairro antes e depois do 25 de Abril; Albertina, 78 anos e que se fixou no bairro ainda nos anos 60 para trabalhar no apoio à indústria; e Maria, 44 anos e atual ensaiadora do rancho folclórico. Do bairro dos Pinhos Mansos entrevistei Pimpão, de 74 anos, ainda a trabalhar; Maria João, 21 anos, estudante de sociologia; e Rúben, 21 anos, também estudante de sociologia e que frequenta e organiza regularmente atividades na coletividade local. Do eixo da zona do Oriental de S. Martinho entrevistei Mota, de 32 anos, na altura presidente da associação local; e do eixo do Campos Melo entrevistei Ana, 21 anos, estudante e atual presidente da direção do Grupo de Educação e Recreio do Campos Melo.

4. Desbloqueando a reconfiguração da cultura operária: comunidade, identidade e desindustrialização

Na análise sobre a reconfiguração das culturas operárias importa mobilizar três dimensões fundamentais: o processo de *desindustrialização*; a ideia vivida e representada da *comunidade*; e os processos de estruturação das *identidades coletivas*. Assim, orientaria a pesquisa deste ponto de vista: em que medida a *desindustrialização* transformou os sentimentos de pertença a uma ideia de *comunidade* que, formada em torno das questões do trabalho, estrutura as *identidades coletivas*?

Não é possível traçar um mapeamento teórico que ilustrasse todo o debate que no campo das ciências sociais se tem traçado em torno da noção de identidade e de comunidade. Contudo, a mobilização destes conceitos requer alguma referência norteadora da pesquisa. Se parece evidente, como defende Tilly (1996), que a identidade não é um fenómeno individual e privado, mas público e relacional, também parece claro, como defende Giddens (1991), que as identidades podem manter-se estáveis em sociedade modernas marcadas pela reflexividade. Hoje a noção de identidade é cada vez mais associada a processos de procura de identificação (Estanque, 2000), mas se alguns autores defendem que as identidades são ambíguas, fluidas e incompletas (Santos, 1995; Balibard, 1995), parece-me correto seguir a orientação proposta por Estanque (2000) onde defende que as abordagens construcionistas das subjetividades não nos devem impedir de pensar o poder das identidades coletivas na promoção de movimento, ação coletiva e contestação.

O conceito de comunidade constitui também uma das dimensões fundamentais para a análise das reconfigurações da cultura operária. Poderíamos partir do conceito de comunidade como envolvendo laços sanguíneos, sentido de pertença e memória (Tönnies, 1963), da comunidade como o lugar cálido na era da insegurança (Bauman, 2003), da comunidade como redes de relações entre indivíduos organizados numa determinada unidade residencial (Elias et al, 1994) ou da diferenciação proposta por Morris (1996) entre *comunidades de descendência* e *comunidade de ascendência*. Não desprezando a riqueza e a complexidade destas propostas, voltaria aos clássicos para reafirmar a orientação proposta por Weber para o conceito: a *comunidade* como relação social constitui-se quando e na medida em que na ação social se funda na solidariedade sentida (efetiva ou tradicional) dos indivíduos (Weber, 2009).

O estudo das culturas operárias, e no nosso caso das suas reconfigurações, leva-nos à discussão sobre a forma como a estrutura profissional das empresas pode explicar as culturas dos seus trabalhadores. Num estudo sobre o “ser” e o “fazer” no quotidiano operário, Costa et al (1984) demonstram como podemos identificar “diferentes modelos culturais relacionados com diferentes categorias dos operários, - o que confirma que a vida de trabalho (com as condições específicas de cada situação) tem uma importância marcante na formação e na aprendizagem desses conjuntos de normas de relações” (Costa et al, 1984, pp. 65)ⁱ. Queria, assim, levar o *postulado cultural* mais longe. Como defende Estanque:

sendo a fábrica industrial um elemento-chave da economia, ela é todavia muito mais do que mera sede de produção de bens. [...] Campo de oportunidade de emprego, mecanismo disciplinar e de adaptação, sistema de aplicação de técnicas, espaço de germinação de identidades coletivas, base de estruturação das classes antagónicas, esfera de emergência de conflitualidades ou instância de diálogo entre actores sociais, a Fábrica pode, pois, ser observada sob variadíssimos ângulos (Estanque, 2000, pp. 15)

Mas se nestas perspetivas a fábrica constitui historicamente um elemento-chave de debate sociológico, também é evidente que este trabalho lida diretamente com um processo de desindustrialização transversal

que alterou toda a estrutura produtiva e económica da cidade. Se as culturas operárias se desenvolveram, historicamente, em torno da industrialização fabril, em torno de identidades profundamente ligadas à situação de classe, num tempo marcado pela industrialização, pela terceirização da economia e pelas transformações no trabalho e nas classes, o que sobra das culturas operárias? Como se articulam os aspetos particulares da cultura operária, característicos dos bairros operários da Covilhã, com a desindustrialização, e a generalização, nestes bairros, de uma enorme diversidade etária, de classes de pertença e de setores profissionais?

5. Seis eixos de discussão em torno reconfiguração da cultura operária na Covilhã

5.1 Reativando a memória

Quando entrámos [direção da coletividade recreativa e cultural] tivemos essa preocupação e essa curiosidade de saber o que é que se fazia antes. Descobrimos coisas fantásticas, eles preocupavam-se sempre com as pessoas (Ana, 21 anos, Campos Melo)

A relação com a história das localidades e das sociabilidades e a possibilidade de ativação da memória constituem duas dimensões fundamentais para perceber como os indivíduos e os grupos se relacionam com a sua história coletiva enquanto comunidade. A relação que as populações dos bairros operários aqui em análise têm com a importância de manter uma memória viva sobre a história do movimento e da cultura operária revela-se pois crucial para perceber em que medida as culturas operárias tendem ou não a desaparecer do imaginário coletivo destes bairros.

Fiz com o José Horta em parceria com um tipo da RTP1 um DVD sobre os 70 anos de história desta coletividade, aparece muita coisa, inclusive por exemplo na altura do boom da emigração para a França eles terem desenvolvido aqui uma escola de ensino do Francês para a população que queria emigrar. (Idem)

Tenderia, pois, a afirmar que importância da documentação e da constituição de arquivos nas coletividades são profundamente reveladores de uma relação particular com a importância da reprodução da memória e da história. Recentemente na coletividade do Campos de Melo, Ana, jovem de 21 anos e atual presidente da associação local, organizou com outro dirigente um DVD sobre os 70 anos da história do bairro. Nele, como nos arquivos que estão a construir a organizar, procura-se uma insurreição das “*histórias que já ninguém conta*”, para as devolver ao bairro e à memória coletiva.

Une-me ao bairro a família, amigos e respeito por todas as lutas que se travaram em tempos difíceis (Maria, 44 anos, Santo António)

Há aí um boletim, que é a Liga dos Amigos do Tortosendo, até sou sócio. Já me entrevistaram a mim (Pimpão, 74, Pinhos Mansos)

Esta referência às *lutas em tempos difíceis* de Maria continua hoje a ser motivo e imaginário de uma filiação histórica ao bairro. A história é (re)escrita, documentada e em alguns casos reproduzida. Apesar de hoje já não haver publicações operárias ou jornais de classe, continuam a existir nestes bairros pequenas publicações locais, dirigidas quase exclusivamente aos habitantes do bairro. São jornais e revistas autogeridos pela população onde são relatados acontecimentos locais, artigos de opinião de pessoas do bairro, onde é feito um escrutínio das atividades da junta de freguesia e da Câmara Municipal e onde são valorizadas as questões artísticas e culturais locais e o papel que as associações locais hoje continuam a ter na dinamização dos bairros.

5.2 Efeito classe e efeito bairro

o meu bairro [de Santo António] é a minha raiz, onde cresci e aprendi muito com as pessoas (...) [participar nas atividades] é uma forma também de exercer o meu dever de cidadania e preservar a nossa identidade (Maria, 44 anos, Santo António)

Esta *identidade* de que fala Maria terá mais que ver com uma identidade associada à pertença ao bairro ou uma identidade associada às origens e pertenças de classe? Pimpão é claro na afirmação de que as associações sempre foram frequentadas por população do bairro com mais recursos. Se olharmos por exemplo para a história do Campos Melo ou da coletividade do Bairro de Santo António, em ambos os casos foram as pessoas donas de terrenos e com mais recursos que a maioria dos habitantes do bairro, que doaram os terrenos para a construção das associações operárias. Desse ponto de vista tenderíamos a afirmar que o *efeito bairro* tende a ser mais importante que o *efeito classe*. Mas se formos mais a fundo constatamos uma tendência inversa. É que “quem mete as mãos na massa”, para usar a expressão de Duarte, eram os operários e indivíduos de situações de classe mais desfavorecidas. Assim como eram para eles para quem era concebida essa organização das atividades coletivas do bairro. As entrevistas dos jovens confirmam isto: ao bairro vão todo o tipo de pessoas, mas quem organiza atividades e a quem elas se dirigem é às pessoas com menos recursos.

5.3 Participação política, auto-organização e intervenção cívica

Contínuo a participar porque é um dever cívico. Ajudo na coletividade porque é importante manter a memória e a coletividade continua a ser importante para muita gente (Rúben, 21 anos, Pinhos Mansos)

O meu medo é esse. É pensar que posso acabar o meu curso e não vir a ganhar sequer o que os meus pais ganham (...) eu acho que é cada vez mais importante a gente juntar-se para nos ajudarmos uns aos outros (Maria João, 21 anos, Pinhos Mansos)

Maria João e Rúben têm 21 anos, estudam sociologia e participam regularmente na associação dos Pinhos Mansos. Votam regularmente. Apresentam um discurso claro sobre a importância de lembrar a história do operariado, da sua organização e de relembrar as dificuldades dos jovens de hoje. Mas também afirmam que hoje os mais jovens já não querem saber da história e não dão importância à política. De facto, a noção da *política* como aqui é mobilizada nos discursos de Rúben ou Maria João está associada a uma conceção da política institucional ou partidária e das formas tradicionais de participação. Contudo quando se discute mais concretamente o bairro, a coletividade e a sua própria participação cívica, percebemos a representação dos “jovens afastados da política” não corresponde completamente à realidade. Maria João vota, participa nas atividades da coletividade (onde refere que muitos outros jovens participam) e ia candidatar-se numa lista independente à junta de freguesia. Quando questionada sobre que projetos tinha para lista, a resposta não podia ser mais evidente: tencionava desenvolver uma creche dinamizada por jovens, dirigida às famílias que trabalham muitas horas e têm poucos rendimentos para poderem pagar uma creche privada. Que outro termo que não uma reprodução da cultura operária poderíamos empregar aqui?

[vou a manifestações pelo] *descontentamento pelo estado social e pelas políticas* (Maria, 44 anos, Santo António)

Maria e muitos outros entrevistados já foram a manifestações contra a destruição do Estado social e contra a perda de direitos que afirmam que a sociedade portuguesa tem vindo a viver. A preocupação que Beatriz expressou de que tinha esperança que as lutas tenham valido a pena para as pessoas perderem o medo de intervir, encontra correspondência nos habitantes mais novos. Para eles recordar as lutas antigas contra as dificuldades deve ser também continuar a lutar hoje por melhores condições de vida.

5.4 Solidariedade e mutualismo

O grupo, quando um sócio estava doente, ajudava esse sócio (...) com o pouco que conseguia ter da quotização e das atividades (Rafael, 64 anos, Santo António)

Nós nos bairros damos muito mais valor á entreaajuda, ao socializar, à comunicação, normalmente toda a gente se conhece, e estas associações sempre viveram muito viradas para o social, para ajudar, para o preocupar-se com as pessoas (Ana, 21 anos, Campos Melo)

Se é possível identificar traços de solidariedade e mutualismo muito presentes no século XX nestes bairros, poderíamos perguntar se a alterações na cidade fizeram também desaparecer (ou não) estas formas locais de solidariedade.

Temos pessoas ainda hoje aqui na nossa coletividade a tomarem banho aqui. Temos os balneários que são usados por sócios que em pleno século XXI não tem saneamento em casa e dirigem-se aqui (Ana, 21 anos, Campos Melo)

Se, como referi anteriormente, o exemplo do projeto de Maria João para a junta de freguesia revela uma reprodução das lógicas de solidariedade e auto-organização, também neste caso essa reprodução é absolutamente óbvia: as associações locais continuam a ter as velhas formas de apoio às populações locais, como os banhos públicos e continuam a funcionar como agentes de monitorização das dificuldades e das situações de pobreza mais invisibilizadas dos bairros.

5.5 Trabalho e solidão

Hoje isto mudou, claro. Antes quem frequentava maioritariamente estas casas eram os operários depois da jornada, hoje são muito também antigos operários, muito sozinhos, que mesmo tendo televisão, é aqui que fogem à solidão (Francisco, 32 anos, Oriental)

A cultura operária e as suas expressividades organizaram-se, segundo a própria expressão de Rafael, em torno dos “*escapes à vida dura do trabalho*”. Depois do trabalho as pessoas juntavam-se, jogavam, faziam atividades, bebiam copos e conviviam. A vivência e as sociabilidades próprias das coletividades, dos largos e dos espaços públicos e as iniciativas de lazer e recreio preenchem, com efeito, uma função de fuga à dureza do quotidiano e/ou de superação das dificuldades coletivas que eram fruto das condições materiais de vida. Hoje os mesmos espaços têm novas funções. Antes os operários juntavam-se para essa “*fuga às dificuldades*”, hoje os antigos operários, entretanto já reformados, encontram nas coletividades e nas suas associações, os “*escapes à realidade dura da solidão*”. A coletividade e as atividades locais do bairro funcionam assim como mecanismo disruptivo de um efeito de degradação social e material dos indivíduos na fase da velhice.

5.7 Dimensão coletiva e oportunidades

Em bairros como o meu a familiaridade é ponto-chave, as famílias estão interligadas, toda gente conhece toda a gente e estão sempre disposto a ajudar, o Amigo o vizinho (Maria, 44 anos, Santo António)

A dimensão coletiva dos acontecimentos e das práticas sociais é fundamental para as estruturações identitárias que trabalhei no caso do Bairro de Santo António na segunda metade do Século XX (Mineiro, 2013). Para os anos 70 e 80, era “*essa dimensão coletiva dos acontecimentos do bairro que me interessou explorar. Não apenas pela forma como são uma constante nas narrativas sobre a de vida dos indivíduos, mas também porque eles demonstram algumas das bases culturais em que assenta a construção das identidades coletivas*” (Mineiro, 2013, pp. 143). Atualmente essa referência continua atual.

Nos casos em análise, essa *dimensão coletiva dos acontecimentos* é muito relevante nas atividades artísticas e culturais:

Temos um grupo de música popular, um teatro, um grupo de dança jazz, e temos também ginástica. As pessoas gostam muito, porque fazem coisas juntas (Ana, 21 anos, Campos Melo)

Em bairros como o meu a familiaridade é ponto-chave, as famílias estão interligadas, toda gente conhece toda a gente e estão sempre disposto a ajudar, o amigo, o vizinho (Maria, 44 anos, Santo António)

Tivemos recentemente o caso de uma rapariga que começou a frequentar muito nova as atividades culturais aqui do bairro, acabou por se apaixonar pelo teatro, e hoje conseguiu bolsa para estudar teatro em Coimbra no Ensino Superior (Francisco, 32 anos, Oriental de S. Martinho)

Como no exemplo de Francisco, as atividades do bairro funcionam muitas vezes como trampolins para a mudança e mobilidade social. Jovens de famílias com baixos recursos económicos, com pouca escolaridade e num meio relativamente pequeno tendem naturalmente a ter menos oportunidades de mobilidade social que jovens de origens sociais com maior *volume global de capitais*, para usar a formulação de Bourdieu. Assim,

muitas das atividades sociais e culturais das associações acabam por dar estímulos a pessoas que não os teriam provavelmente noutros espaços da vida.

5.6. Inovação e tradição

A tecnologia mudou a forma das pessoas localmente se relacionarem, o contacto pessoal assumiu menor importância (Maria, 44 anos, bairro S. António)

Vê-se muito sim [jovens a ensinarem os mais velhos a ensinarem tecnologia], e também organizamos formações na nossa sala de informática (Ana, 21 anos, Campos Melo)

Numa visita ao Grupo de Educação e Recreio do Campos de Melo frequentei salas em que assisti à situação curiosa de ver jovens adolescentes a ensinar informática a pessoas mais idosas. Como se imagina, a tecnologia (como já anteriormente a generalização da televisão pessoal) alterou a forma das relações sociais. Se antes as associações eram o único local de encontro, lazer e recreio dos operários que saíam das fábricas, a generalização das televisões individuais e a progressiva facilidade de deslocamentos transformou as relações sociais a todos os níveis. Mas os dirigentes das associações perceberam “os riscos” dessas transformações para as dinâmicas locais, tentando assim “conjugam a inovação com a tradição”. Desta forma, usando a televisão, organizam-se iniciativas que incluem ver programas ou jogos de futebol onde as pessoas se juntam, sendo esse depois o pretexto para outras atividades de convívio. Por outro lado, as próprias coletividades compraram computadores, organizaram salas de informática e workshops/formações para que os habitantes mais velhos percebam e tenham acesso a um computador e à internet.

Outro dado interessante é o de que a recolha do tipo de atividades que as coletividades locais hoje organizam, identifica-se com muita clareza um discurso muito partilhado sobre a necessidade de inovar nas atividades e nas iniciativas que se organizam, e uma preocupação com manter a história, as velhas atividades e formas culturais, chegando com isso a diversas gerações. Assim, hoje é possível encontrar nas associações dança contemporânea e ranchos folclóricos, dança jazz e danças tradicionais, bordados e judo, danças de salão e cantares populares, workshops de informática e caminhadas, grupos de teatro e organizações de musicais, excursões, torneios desportivos, festas religiosas e atividades radicais.

6. Conclusão

... porque eu estou-te a contar esta história e tu podes contar hoje e amanhã, mas muita gente já nem conta esta história, são histórias que realmente emocionam (Beatriz, 82 anos, Santo António)

A industrialização e a condição operária foram realidades profundamente marcantes da vida coletiva na Covilhã. A centralidade do trabalho assalariado industrial refletiu-se em todos os domínios da sociedade e em torno dele desenvolveram-se as bases da cultura operária. A dimensão coletiva da gestão da vida nos bairros operários mobilizava uma noção partilhada de comunidade, que assentando na solidariedade local, se revelava profundamente estruturadora das identidades coletivas.

Desde as últimas duas décadas do século XX que o processo de falências e a desindustrialização alterou completamente a estrutura económica e profissional da cidade. A hegemonia do setor operário é hoje substituída por uma hegemonia das profissões do setor terciário, profissionais liberais, desempregados e estudantes. Estas transformações produziram transformações nas formas e modos da cultura operária.

À questão de partida de saber se as culturas operárias são abandonadas, reproduzidas ou reconfiguradas tendo em conta as transformações na economia e no trabalho que ocorreram na cidade tenderia a responder que sim às três hipóteses: há aspetos da cultura operária que são reproduzidos, outros abandonados e outros reconfigurados. Contudo, nesta pesquisa identificou-se também que a reconfiguração das culturas operárias é o processo mais relevante nesta transição século.

Identifica-se um claro redescobrimto da memória e da história oral. As direções de jovens que hoje estão à frente das antigas associações operárias têm começado um trabalho de reerguer a memória e a história dos bairros. A par disso tendem a reproduzir velhas formas de solidariedade e mutualismo, de que são exemplos

os banhos públicos e a auto-organização de creches para as famílias mais pobres que não podem pagar creches privadas.

À ideia das coletividades locais como escapes à dureza do trabalho, os jovens transformam hoje as coletividades em espaços à dureza da solidão, ao mesmo tempo que criam atividades para atrair os mais novos. Assim, reconfiguram uma ideia de articulação entre a história e a inovação, procurando chegar aos habitantes mais velhos e mais novos. Paralelamente, as atividades das associações continuam a funcionar como janelas de oportunidades para jovens de famílias com menos recursos.

Se olharmos para a ideia de participação política como a capacidade de coletivamente as pessoas se juntarem para se apropriarem da sua vida individual e coletiva e intervirem sobre a realidade, tenderíamos a afirmar que o nível de participação cívica e política de quem hoje está nos bairros é de alta intensidade. Além disso, as coletividades souberam adaptar-se a uma sociedade que se organiza cada vez mais em rede, criando formações de informática para os mais velhos e trazendo de diversas formas as várias gerações às associações.

É verdade que as transformações no trabalho, a precarização, a crise financeira e económica, a globalização da economia e os processos de individualização e das sociedades contemporâneas traduziram-se em transformações sociais muito vastas e profundas. Mas é também nessa linha que residem as conclusões desta pesquisa: é a de que a sociedade contemporânea não é uma sociedade a-história, ela é o resultado, o processo e a complexidade de um cruzamento de tempos e memórias que se criam e recriam num mundo em transformação acelerada e em que é muito difícil antecipar para onde caminha.

Referências bibliográficas

Assunção, António Rodrigues [ano não especificado nas obras]. *O movimento operário da Covilhã – Volume 1 e 2*. Covilhã: Edição de autor

Balibar, Etienne (1995). Culture and Identity (working notes’). In John Rajchaman (ed.), *The Politics of Identity*. Londres: Routledge

Bauman, Zygmund (2003). *Comunidade: a busca da segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahara Editor

Castel, Robert (1998). *As metamorfoses da questão social. Uma crónica do salário*. Petrópolis: Vozes.

Costa, António Firmino da et al (1984). *Artes de Ser e de Fazer no quotidiano operário – Uma pesquisa sociológica sobre os sistemas de trabalho e identidades culturais operárias na fábrica de cerveja da Vialonga*. Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia – ISCTE

Elias Norbert e John e John L. Scotson (1994). *The Stablished and the Outsiders*. Londres: Sage

Estanque, Elísio (2000). *Entre a Fábrica e a Comunidade. Subjectividades e práticas de classe no operariado do calçado*. Porto: Edições Afrontamento

Giddens, Anthony (1991). *Modernity and Self-Identity*. Cambridge: University Press

Gramsci, Antonio (2002). *Cadernos do cárcere v.5*. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira

Hobsbawn, Eric (1962). *A era das revoluções*. Lisboa: Ed. Presença

Hobsbawn, Eric (1987). A formação da cultura da classe operária britânica e O fazer-se da classe operária, 1870-1914. In Eric Hobsbawn, *Mundos do Trabalho (97-251)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Marx, Karl e Frederich Engels (1848). *Manifesto do Partido Comunista*. Porto: Edições Sementes

Mineiro, João (2013). Experiências colectivas, Solidariedades e Identidades: o caso do movimento operário da Covilhã, *UBIMUSEUM*, 2, 147-159

Morris, Paul (1996). Community Behind Tradition. In Paul Heelas et al [eds.], *The Traditionalization*, Oxford: Blackwell Publishers

Santos, Boaventura Sousa (1995). *Toward a New Common Sense*. Londres: Routledge

Soeiro, José, Ricardo Sá Ferreira e João Mineiro (2012). Juventude, precariedade e desigualdades: as classes contra o fim da história. Uma reflexão a partir do contexto europeu. *Revista de Sociologia de Angola*, 10, 77-89

Tilly, Charles (1996). Citizenship, Identity and Social History, *International Review of Social History*, Cambridge, 2

Tönnies, Ferdinand (1963). *Community and Society*. Nova York: Harper Torchbooks

Weber, Max (2009). *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Lisboa: Edições 70

Weber, Max (2004). Classes, Status e Partidos. In Manuel Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas – Os fundadores e os clássicos*”. (pp.737-752), Lisboa: Edições Gulbenkian

ⁱ Esta conclusão, que sustenta no estudo uma conceptualização sobre modelos culturais específicos de cada situação de classe, pode, no nosso caso, dar-nos pistas sobre como, por um lado, as culturas operárias na Covilhã podem estar profundamente ligadas à posição que os operários ocuparam na fábrica; e, por outro lado, sobre a forma como as mudanças na estrutura profissional das pessoas que ocupam estes bairros podem ser um dos factos explicativos da reprodução, reconfiguração ou abandono das culturas operárias históricas destes bairros.